



RAQUEL

RAMOS

Raquel Ramos nasceu em Paris, no ano em que o Homem pisou a Lua pela primeira vez. Além de ensinar Inglês e Alemão a adolescentes e jovens, também gosta de escrever para eles.

Colabora com a Rede de Bibliotecas Escolares, desde 2007, para que as bibliotecas sejam lugares fantásticos nas escolas.

Livros infantojuvenis publicados: *Episódios da vida de um jovem gato*, 2014; *Segredos do jardim da casa grande de barras amarelas*, 2015; *Nadir Afonso: o pintor de cidades geométricas*, 2018.

RAQUEL RAMOS

DIÁRIO DE ANA JOANA:
12 anos,
1,36 metros de altura

coolbooks

Para as Anas Joanas que têm sonhos.

Setembro

Quarta-feira, 12 de setembro

Nome: Ana Joana (imaginem um apelido interessante).

Idade: Quase 12 anos (mas apenas 1,36 metros de altura).

Lema de vida: Eu consigo!

Pergunta que mais detesto: O que queres ser quando fores grande?

Resposta que mais gosto de dar: Quero ser política.

Segunda pergunta que mais detesto: Porquê?

Segunda resposta que mais aprecio dar: São precisas pessoas para continuar a lutar pelo serviço público.

Expressão que nunca compreendi: Boa sorte!

Razão de ser deste diário: Um político deve ter material para, no futuro, poder escrever as suas memórias.

Sexta-feira, 14 de setembro

Estava ansiosa que chegasse o primeiro dia de aulas para reencontrar os amigos da turma e conhecer a escola nova.

Adoro as férias porque posso fazer tudo aquilo que não me é permitido fazer no período de aulas, como ver as séries que o pai detesta, passar horas no *Stardoll* e deitar-me à mesma hora que os adultos, mas tudo tem os seus limites. Nos últimos dias já estava um pouco farta de toda essa liberdade, que apenas induz à indolência, na opinião da mãe. De facto, o que me estava mesmo a apetecer era algum movimento. Novidade. *Action*.

Na escola nova é tudo diferente, a começar pela altura dos alunos. Alguns parecem-me autênticos gigantes, e eu, uma pequena habitante da ilha de Lilliput. Não sei o que se passa, mas nunca mais dou o salto, como dizem cá em casa. Não que isso me afete muito, mas hoje, na escola secundária,

apercebi-me de que alguns olhares interrogadores se dirigiam à minha pessoa, como se quisessem saber o que fazia eu naquele sítio. Até apanhei a mãe, que me acompanhou por ser o primeiro dia de aulas, a observar as minhas amigas mais tempo do que é habitual. Bem vi que olhava de relance para mim e tentava perceber quantos centímetros tinha eu a menos que as outras.

Segunda-feira, 17 de setembro

Não é que isso me afete, como já disse, mas começo a pensar que poderia ter mais uns centímetros de altura. No fim de semana, a mãe dispôs-se a ir connosco às compras.

Escolhi umas calças superfixes na secção de mulher. Hoje de manhã, ainda tentei convencer a Diana a deixar-me levar as sandálias dela, que têm um salto de pelo menos 3 centímetros. Ainda bem que ela desatou às gargalhadas e não me deixou calçá-las. A Cidália, a Daniela e a Matilde passaram a manhã a tentar descobrir de que número eram as calças que eu tinha comprado. Imaginem se tinha aparecido de saltos altos!

Quarta-feira, 19 de setembro

A mãe não me larga: quer saber se comi durante a manhã, se estou a gostar das aulas, com quem passo os intervalos, se estou atenta, se acho os professores simpáticos... Pois bem, não gosto nada de mentir, mas hoje disse-lhe que comi um pão com manteiga no intervalo da manhã. A verdade é que não comi nada, e à uma da tarde estava tão esfo-meada que devia ter um aspeto esquisito.

O professor de Português até me perguntou se eu conseguia acompanhar a sua explicação, e disse-me que parecia um «boi a olhar para um palácio». Fiquei a olhar para ele de olhos muito arregalados. Ele deve ter percebido que aquilo não era coisa que se dissesse a um aluno, muito menos a uma aluna com uns centímetros em défice. Tentou disfarçar, fazendo-me perguntas engraçadas mas sem importância. Ainda não decidi se conte o incidente à mãe. Ao pai está fora de questão.

Quinta-feira, 20 de setembro

As mães descobrem sempre tudo.

Como é que ela adivinhou que eu não comia nada

durante as manhãs? Bem... se fosse mais inteligente já teria percebido que eu não chego ao balcão do bar e que fico escondida por detrás daqueles matulões sempre que tento pedir alguma coisa. Mas ainda foi a tempo. Hoje, no intervalo da manhã, estava lá a Diana para me ajudar a pedir o meu reforço alimentar. Percebi logo que tinha sido a mãe a mandá-la, porque ela não repara em nada, sobretudo agora que se zangou com o Daniel e passa os intervalos a tentar descobrir onde é que ele anda metido.

Na aula de Matemática, o diretor de turma organizou-nos para escolhermos o delegado. No ano passado fiquei em 2.º lugar, preterida para a Cidália, que tem a mania que é a melhor. Mas este ano a maioria da turma votou em mim. O diretor de turma deu-me os parabéns, disse que contava comigo para o ajudar e que eu deveria dar o exemplo. Não era preciso ter-me dito nada disso. Vê-se mesmo que não conhece a turma.

Sexta-feira, 21 de setembro

Hoje a mãe faz anos. A Diana perguntou-me se queria participar com ela na compra de um perfume.

Disse-lhe que não, que lhe fazia uma prenda mais personalizada. (Já viram quanto custa um perfume dos que a mãe gosta?!)

Sábado, 22 de setembro

Os meus pais devem estar loucos! Com esta crise que parece querer conduzir todos à ruína, com a ameaça de desemprego, com os preços exorbitantes – como a mãe faz questão de nos estar sempre a lembrar –, decidiram jantar num restaurante todo requintado! Quer dizer, se calhar não sabiam que era tão requintado assim, porque a verdade é que havia mudado de gerência desde a última vez que lá tinham estado.

Um autêntico desperdício! Uns pedacinhos de carne no meio do prato, umas ervas esquisitas por lá espalhadas, e uma sobremesa que parecia o penteado estranho de uma modelo! Quando fui espreitar a conta, disse-lhes logo: «Sabem o que estão a fazer, não sabem? Já viram que isto é quase metade do ordenado mínimo, o sustento de algumas famílias?»

Desataram todos a rir, incluindo a Camila, a amiga da mãe. Repetiram novamente que não posso ser assim, tão exagerada. No final ficaram

a vigiar-me, a ver se eu retirava a gorjeta de cima da mesa.

Fiz um filme no *Movie Maker* para oferecer à mãe. Utilizei fotografias da família, um poema meu e uma das músicas preferidas dela: *Memory*. Ela viu o filme com atenção e disse-me que eu era um amor, que tinha gostado muito. Deitei a língua de fora à Diana, que gastou quase metade da mesada dela a comprar o perfume.

Segunda-feira, 24 de setembro

Não percebo nada da arte de ensinar, mas acho que um professor devia saber envolver os alunos e levá-los a gostar do que estão a ouvir. Na aula de TIC, hoje, estávamos quase a dormir enquanto ouvíamos o professor a discursar sobre os orifícios do computador e as entranhas da máquina. Quem lhe disse que aquela matéria era interessante? Será que ele não sabe que existem o *Stardoll* e o *Habbo*, para não falar dos outros *sites* superinteressantes a que não posso aceder?

★

Na aula de Inglês, a professora perguntou a todos o que queriam ser quando crescessem. Que pergunta mais idiota os adultos gostam de fazer! Por entre os engenheiros, os professores, os médicos, os advogados, os veterinários e os chefes de cozinha, é claro que a turma tinha de desatar a rir numa gargalhada estrondosa quando eu disse que gostaria de ser política. A professora mandou-os calar e pediu-me para explicar porque tinha escolhido aquela profissão. Vê-se logo que são um bando de ignorantes e de egoístas, que pensam apenas neles próprios. Se olhassem mais à sua volta, em vez de passarem o tempo a correr atrás dos rapazes e a jogar na *PlayStation*, percebiam logo porque quero ser política. Será que ainda não ouviram falar da *Troika*, das famílias que não têm comida para dar aos filhos, dos pais que ficam sem emprego?

Terça-feira, 25 de setembro

Estão a ver como tenho razão?! A mãe diz que a miséria está a regressar. Que os tempos vão mudar. Querem saber porque é que ela agora diz isto?

O diretor de turma enviou um recado na caderneta a pedir aos pais para vigiarem as cabeças dos

filhos, uma vez que foram encontrados piolhos na cabeça de um aluno da turma. Há anos que não se via uma coisa dessas nas turmas do 7.º ano, na opinião da mãe. Vê-se mesmo que as famílias estão a passar por necessidades.

E eles a gastarem o equivalente a metade de um ordenado mínimo num jantar? Deviam ter vergonha!

Quinta-feira, 27 de setembro

Hoje a mãe perguntou outra vez com quem me entretenho nos intervalos. Disse-lhe que normalmente ficava a conversar com a Matilde ou com a Daniela. Se soubesse que tenho ficado no corredor com o Carlos, com quem ninguém quer brincar, e com o Duarte, que não consegue andar tão depressa como nós por causa do problema no joelho, sentir-se-ia orgulhosa de mim e concordaria que estou no caminho certo para vir a exercer a profissão de política. Mas eu própria ainda não sei se passo o intervalo com eles por altruísmo, ou porque não me sinto bem a correr atrás dos rapazes, como as outras.

Sexta-feira, 28 de setembro

Recomeçaram hoje as aulas de piano. A professora Rosália estava mais simpática do que é costume e não me bateu nos dedos, apesar de ter feito imensas asneiras ao tocar a *Musette*.

Amanhã, a mãe sai muito cedo para participar numa conferência sobre liderança educativa. A mãe gosta mesmo de mandar! Ficamos com o pai e já sabemos que o nosso almoço será hambúrgueres com batatas fritas. Pelo menos eu e a Beatriz não temos de comer a sopa. Não sei é como fazer para me livrar da fruta.

Sábado, 29 de setembro

Ambiente pesado cá em casa!!!

Tudo começou quando fui obrigada a ir ao parque com o pai e a Beatriz. (Imaginem a vergonha que passo ao ter de participar em todas as brincadeiras preferidas de uma criança de 3 anos!) Quando estava a andar à roda na chávena de chá da Alice, fui apanhada pelo Filipe. Fiquei corada até à raiz dos cabelos e jurei ao pai que nunca mais iria ao parque aturar uma irmã mais pequena, cheia

de exigências. Que isso era tarefa de pais e não de uma adolescente; que nenhuma das minhas amigas tinha de passar por tal. O pai não quis saber e adiantou logo que as meninas que não brincam com as irmãs no parque também não podem passar o tempo a ver televisão ou a jogar no computador. A Beatriz, mais uma vez, levou a melhor.

Mas vejam como os adultos são injustos!

Ao chegarmos a casa, a dona Beatriz apoderou-se do *iPad* e ficou a ver o *Ruca* e o *Noddy* enquanto não se fartou. O pai sentou-se confortavelmente a ver o telejornal e deixou que a Diana continuasse no *chat* com as amigas. Depois de várias tentativas para ocupar o lugar de um deles, uma das vezes a coisa correu muito mal e eu acabei a bater com a porta do quarto.

A mãe, quando chegou, apercebeu-se de que algo de estranho se passava, porque não é habitual eu estar fechada no meu quarto, mas, em vez de atuar, passou meia hora aos beijos a toda a gente. Não sei o que foi aprender no curso sobre liderança! Um verdadeiro líder haveria de saber atuar e repor a justiça. Podia começar a praticar cá em casa!